

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

KAIO VINÍCIUS FERNANDES LAMOUNIER

ATITUDES DOS ESTUDANTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE ESCOLA
PAUTADA EM VALORES

BRASÍLIA

2016

KAIO VINÍCIUS FERNANDES LAMOUNIER

ATITUDES DOS ESTUDANTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE ESCOLA
PAUTADA EM VALORES

Trabalho de Conclusão de Curso com o objetivo de obtenção do Diploma de Licenciatura do Curso de Educação Física da Universidade de Brasília (UnB).

Orientador do Prof. Dr. Alexandre Jackson Chan Vianna.

BRASÍLIA

2016

KAIO VINÍCIUS FERNANDES LAMOUNIER

Monografia apresentada para a obtenção do título de
Graduação em Educação Física – Licenciatura da
Faculdade de Educação Física da Universidade de
Brasília, sob orientação do Prof. Dr. Alexandre Jackson
Chan Vianna.

Brasília, 13 de outubro de 2016.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Alexandre Jackson Chan Vianna

Prof. Dr. Felipe Rodrigues da Costa

Prof. Dr. Jonatas Costa

Aos meus pais – Geraldo e Conceição – que são
fonte de inspiração e perseverança.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me dá forças em todos os momentos.

Ao meu orientador Alexandre Jackson por confiar no meu potencial e pelo tempo dedicado à realização deste trabalho.

Aos meus pais por me darem todo o suporte necessário para que eu chegasse até aqui, sem eles nada disso seria possível.

Aos meus colegas de Alcateia, que fizeram dessa caminhada uma aventura mais divertida e gratificante.

Aos membros da banca avaliadora, pela disponibilidade em estar presente na avaliação deste trabalho.

Aos meus colegas de trabalho, fazendo uma referência mais enfática ao professor Diego, por terem me ajudado de todas as formas na realização desta monografia.

A todos que de alguma maneira contribuíram para a realização desse momento.

“Fé é o pássaro que sente a luz e canta quando
a madrugada é ainda escura.”

Rabindranath Tagore

RESUMO

Introdução: O presente trabalho tem como objetivo a reflexão sobre as atitudes dos estudantes nas aulas de Educação Física (EDF) a partir de um modelo de ensino pautado em valores. Considerando que toda instituição está orientada por valores gerais e normas compartilhadas e controladas e que, em especial, a escola desse estudo enfatiza o desenvolvimento de valores de convivência universal. A pergunta de partida do trabalho é como estudantes decidem suas atitudes quando existe liberdade de ação para escolhas individuais. **Objetivos:** Compreender as atitudes dos estudantes de 5º ano do Ensino Fundamental para construir o jogo ideal no tempo de autonomia das aulas de Educação Física; Analisar os conceitos de valores, normas e atitudes, de acordo com a literatura adotada sobre o tema relacionando-o ao esporte e a Educação Física Escolar; Descrever o contexto da escola para compreender os valores e normas aos quais os estudantes estão inseridos; Analisar as atitudes dos estudantes em situação de tempo de autonomia para compreender como eles tomam decisões sobre o jogar; Refletir sobre as possibilidades da Educação Física em contribuir com as atitudes positivas dos estudantes no contexto do jogo livre. **Metodologia:** Pesquisa qualitativa. A metodologia do trabalho partiu de uma abordagem etnográfica para focar o problema da pesquisa, a observação participante para compreender como é o cotidiano da escola e o estudo de caso somado ao grupo focal e entrevista com o professor como instrumentos de coleta de dados mais específicos. O fenômeno estudado está focando os alunos da Escola dos Valores. No estudo de caso o foco esteve em turma de 5º ano, que continha 22 alunos entre 10 e 11 anos, meninos e meninas. Para a realização do grupo focal, foram solicitados 8 estudantes, que, por livre e espontânea vontade, fizeram parte de uma conversa gravada. **Resultados:** As atitudes dos alunos, em seu tempo de autonomia durante as aulas de Educação Física, são influenciadas pelo projeto político pedagógico da escola através da figura do professor. Quando tomam suas decisões, os alunos têm consciência de que se algo não funcionar o professor estará lá para observar e intervir. É possível encontrar valores defendidos pela instituição inseridos nas atitudes dos alunos. Companheirismo, cooperação, trabalho em equipe e solidariedade são alguns dos conceitos que podemos citar e evidenciar através dos dados obtidos.

Palavras-chave: Valores; Normas; Atitudes; Escola; Educação Física; Observação Participante; Teoria Fundamentada; Tempo de Autonomia.

SUMÁRIO

1. Introdução	8
1.1 Problema de Pesquisa	8
1.2 Cenário	9
1.3 A Educação Física na Escola dos Valores	11
2. Metodologia	13
2.1 Objetivos	14
2.1.1. Geral	14
2.1.2 Específicos	14
2.2 Tipo de pesquisa	14
2.3 População	15
2.4 Instrumento de Pesquisa	15
2.5 Análise de Dados	16
3. Resultados	17
3.1 Gosto pela Educação Física	17
3.2 Divisão de Equipes	19
3.2.1 Meninos e Meninas	19
3.2.2 Desempenho	20
3.3 Direito de todos os jogarem	22
3.4 Jogo com mais tempo ou mais qualidade	24
4. Discussão de Dados	25
5. Considerações Finais	28
Referências Bibliográficas	31
Anexos	32

1. Introdução

1.1 Problema de Pesquisa

O presente trabalho tem como objetivo a reflexão sobre as atitudes dos estudantes nas aulas de Educação Física (EDF) a partir de um modelo de ensino pautado em valores. Devido ao contexto sociocultural de violência e discriminação dentro do ambiente escolar, os Projetos Pedagógicos de diversas escolas da Educação Básica recorrem ao ensino de valores para progredir em relação às atitudes das crianças. Assim, propomos a compreensão do conceito de Norma e como os estudantes mediam as regras em seu tempo de autonomia durante as aulas de EDF. Para abordar sobre Normas, foi utilizado um estudo de Jimerson (1999), no qual, ele analisa o uso das mesmas em uma pelada¹ de basquete. Segundo Jimerson:

“Descriptions of norms tend to fall into three broad theoretical frameworks: internalization, rational calculation, and code. Advocates of internalization argue that norms are instilled in people via socialization and exist before interactions. Advocates of rational calculation believe that norms are devices invoked after a prudent estimation of needs, desires, ends, and what is needed to achieve them. Advocates of code assert that norms are constructed anew in each interaction to resolve practical problems.” (JIMERSON, 1999).

Acredita-se que os valores são essenciais para a boa relação entre os seres humanos e os princípios universais como respeito, solidariedade, gentileza e humildade são aceitos por muitas pessoas como parte da convivência harmônica na sociedade. Assim, um estudo realizado na Espanha, por Cortes & Oliva (2016), buscou compreender as atitudes e valores gerados pela Educação Física (EDF) em estudantes do Ensino Médio, nos dando uma visão do significado de valores, acrescentando o conceito de atitudes como algo fundamental:

“Se entiende que los valores se adquieren a través de los procesos de socialización y de transmisión entre los seres humanos. Es decir, que todas las experiencias de vida que se producen desde la niñez incidirán en el proceso de formación de la personalidad. Se adquiere un estilo de vida por medio de las influencias que le aportan los agentes socializadores como la familia, la escuela, los amigos, los centros deportivos y los medios de comunicación. Es así que el niño y la niña interiorizan los valores, se hace cada vez más evidente con la edad, a través de la valoración personal que hace cotidianamente desde sus opiniones, acciones, actitudes y conductas, y

¹ Utilizamos o termo “pelada” como tradução livre da expressão “Pickup Basketball”, encontrado em Jimerson (1999) para descrever um jogo de basquete informal onde as pessoas chegam livremente e negociam para jogar.

de esta forma desarrolla un criterio personal frente a la vida. Al hablar de valor, es importante tener presente otro concepto como el de actitud, el cual es utilizado en muchas ocasiones en lugar del concepto de valor. Una actitud entonces, “hace referencia a un pensamiento o un sentimiento positivo o negativo que tiene una persona hacia los objetos, las situaciones o hacia otras personas. Esta relacionado con los sentimientos y formas de actuar ante hechos o situaciones determinadas.” (CORTES & OLIVA, 2016)

As atitudes que tomamos geram impactos em nossas vidas tanto no ambiente de convívio pessoal como profissional. Os nossos valores morais determinam essas decisões e escolhas, no que acreditamos e o que vale a pena para nossas vidas. Dessa maneira, podemos considerar a existência de uma relação entre os conceitos de valores, normas e atitudes. No qual, valores e normas representam um mapa de orientação para que cada indivíduo escolha suas atitudes a cada situação da vida. O texto de Jimerson (1999) sugere que os praticantes da *pelada* de basquete fazem utilização do que ele chama de *welfare-maximizing norms*² para adequar o bom jogo. No texto espanhol de Cortes & Oliva (2016), eles discorrem sobre conteúdos atitudinais e valores que são despertados nas aulas de Educação Física. Por isso, é importante tomarmos boas decisões para conseguirmos participar do jogo de interações sociais do cotidiano.

Considerando que toda instituição está orientada por valores gerais e normas compartilhadas e controladas e que, em especial, a escola desse estudo enfatiza o desenvolvimento de valores de convivência universal, a pergunta de partida do trabalho é como estudantes decidem suas atitudes quando existe liberdade de ação para escolhas individuais.

1.2 Cenário

As observações e coletas de dados foram realizadas na Escola dos Valores, nome fictício criado para preservar a identidade do local. A instituição fica situada em uma área nobre de Brasília. Essa região é habitada por pessoas com alto poder aquisitivo, com casas e carros de luxo e um comércio cheio de opções requintadas. A Escola dos Valores foi fundada

² O termo utilizado é uma hipótese de Ellickson (1991) encontrada em Jimerson (1999) que diz que membros de um grupo desenvolvem e mantêm normas cujo o conteúdo serve para maximizar o bem-estar agregado que os membros obtêm em seus assuntos do cotidiano, uns com os outros.

em 1980. A Escola cresceu, com isso foram necessárias mais instalações e mais salas de aula. Assim, em 1987 foi construído o que hoje é chamado de Campus Principal³.

Segundo os documentos oficiais, o ensino da Escola dos Valores é baseado em três princípios: unidade da raça humana, eliminação de todos os tipos de preconceito e igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres. Assim, ela estabelece um compromisso com a cidadania mundial, ajudando jovens a desenvolverem qualidades acadêmicas, éticas e espirituais, entendendo claramente seu papel na construção de um mundo melhor. Em sua Missão, a Escola educa os alunos para serem cidadãos do mundo, com base em padrões de excelência acadêmica, bilíngue e ética, desenvolvendo suas capacidades de conhecer, amar e servir a raça humana.

Para isso, a Escola estabelece seus Valores Fundamentais, que são: unidade de Deus, unidade da raça humana, unidade de religião, união na diversidade, eliminação de todas as formas de preconceito, igualdade de gênero, nobreza essencial do homem, investigação independente da verdade e servir à raça humana como propósito primário da vida. A escola também estabelece objetivos educacionais que visam o desenvolvimento do pensamento e estimulam relacionamento entre os alunos de forma que valorize o aspecto humano.

Em seus Objetivos Educacionais, a instituição de ensino apresenta o cultivo nos alunos das capacidades de ao longo da vida aprender a aprender, aprender a fazer, aprender como ser, e como viver em comunidade; o provimento do desenvolvimento do alto nível de pensamento e das habilidades de solução de problemas, aplicados a um contexto complexo e desafiador; o provimento da excelência em todos os aspectos do crescimento e desenvolvimento humano; o encorajamento dos estudantes a agir com retidão de conduta, baseados em princípios éticos e morais; o encorajamento do desenvolvimento de hábitos e habilidades que promovam boa saúde e estabilidade emocional ao longo da vida e incentivo aos estudantes a se relacionarem com os outros alunos, aceitar responsabilidades e desafios, e entender mudanças atuais e futuras.

Além disso, ainda existem os Princípios de Aprendizagem. A instituição considera que avança a aprendizagem do aluno quando possui um ambiente seguro, apoiador e produtivo, promove independência, interdependência e motivação pessoal. Também, quando as necessidades dos estudantes, backgrounds, perspectivas e interesses estão refletidos no

³ Dados relativos à instituição foram obtidos através de observação de campo e documentos oficiais, que não foram registrados nas referências para preservar o anonimato da escola.

programa de aprendizagem, quando a natureza e a sensibilidade espiritual de cada aluno são respeitados e cultivados de forma integral, quando os estudantes são desafiados e apoiados para desenvolver níveis profundos de pensamento, usando ativamente conhecimentos e habilidades, quando as práticas de avaliação são parte integrante do processo de ensino e aprendizagem e quando a aprendizagem conecta fortemente com comunidades e práticas além da sala de aula.

1.3 A Educação Física na Escola dos Valores

A Educação Física possui um departamento próprio na Escola dos Valores, coordenado por professoras que também atuam ministrando aulas da disciplina. Além das duas coordenadoras, a equipe de professores que ministram aula de EDF é composta por mais dois professores e uma professora, além de quatro estagiários.

Os objetivos curriculares do departamento de Educação Física vão além do desenvolvimento de habilidades motoras. As emoções e as necessidades interpessoais e sociais dos alunos são incorporadas a disciplina. A missão do departamento é educar holisticamente, pois a Escola acredita que os estudantes tornam-se indivíduos equilibrados e saudáveis quando mente e corpo aprendem juntos.

No currículo do berçário ao 5º ano é enfatizado a prática do jogo. As atividades propostas abrangem habilidades e funções motoras, promovendo a oportunidade para a criança desenvolver aspectos específicos como coordenação, equilíbrio e lateralidade. Além disso, a Escola dos Valores promove o uso de jogos cooperativos, que ensinam e encorajam os participantes a jogarem uns com os outros, não uns contra os outros.

O espaço físico da escola é rico e diversificado se comparado com o mais recorrente em outras escolas da região. Existe uma quadra poliesportiva, um campo de futebol, áreas de lazer com mesas de ping-pong, totó e parquinhos, além de duas salas de material com variadas opções. As aulas de EDF são realizadas duas vezes por semana para cada turma da escola, com pelo menos dois professores atuando ao mesmo tempo em turmas separadas e em espaços diferentes no ambiente, geralmente quadra e campo. Em algumas aulas durante as observações, os professores juntaram as turmas e trabalharam de forma conjunta.

As aulas ministradas pelo professor seguem um planejamento estruturado, que estabelece indicadores de aprendizagem que pautam as atividades que serão realizadas. Os conteúdos utilizados são jogos e brincadeiras, jogos de construção (os alunos criam jogos para apresentarem à turma), jogos cooperativos e iniciação esportiva. Assim, o jogo é central nas experiências dos estudantes nas aulas.

O comportamento dos estudantes nos jogos segue um padrão recorrente. Quando praticam jogos tradicionais, como por exemplo a queimada, eles se mostram bastante competitivos e com muita vontade de vencer. A mediação do professor aparece com o intuito de enfatizar o trabalho em equipe, e foi possível notar durante as observações que os alunos entendem a ideia do educador e tentam desempenhar o trabalho coletivo. Mas também, foi possível perceber que em certos momentos dos jogos, os alunos com mais habilidades e que exercem posição de liderança acabam tomando a decisão de concentrar as ações do jogo, seja controlando mais a bola ou apontando como o time deve agir, tentando fazer com que sua equipe obtenha sucesso naquela atividade. Quando a prática envolve jogos cooperativos fica ainda mais evidente a colaboração entre os colegas de turma, que se torna essencialmente necessária para que o objetivo do jogo seja cumprido. Os estudantes se entregam aos jogos com objetivo de ganhar, de vencer o desafio proposto, seja no competitivo ou no cooperativo, demonstrando o interesse em jogar o jogo. Assim, fica evidente que se entregam ao lúdico tornando o jogo espaço de autonomia de atitudes mesmo que em uma prática orientada.

Sobre o planejamento foi possível identificar diferentes tempos dentro da aula. Estes foram definidos para essa pesquisa como: (1) o tempo de organização – onde os alunos chegam à quadra, os professores organizam a turma e pedem silêncio para que a aula comece, (2) o tempo dirigido - tempo de explicação e atuação direta dos professores, (3) o tempo de autonomia – quando os alunos tem uma liberdade relativa, pois o estudante pode tomar decisões e atitudes mediado pelo professor regente e (4) o tempo de jogo – também considerado um tempo de autonomia, mas especificamente quando os alunos estão envolvidos no ambiente de jogo seja ele gerado no tempo dirigido ou de autonomia.

Neste trabalho iremos analisar com mais ênfase o tempo de autonomia. Este é o tempo da aula em que os alunos têm maiores possibilidades de tomar decisões e escolher atitudes, mediados pelo professor regente. O professor permanece no ambiente como um guardião dos valores e normas que os alunos têm para utilizar se algo não sair como eles planejaram. No tempo de autonomia e no tempo de jogo o educador faz intervenções quando solicitado. Isso acontece quando percebe que algo não está funcionando como deveria, proporcionando a eles

a oportunidade de reflexão para que resolvam o problema em questão. Podemos citar como exemplo, uma situação em que o professor não conseguiu fazer a chamada por excesso de bagunça e conversas paralelas. Quando o silêncio se estabeleceu, o educador realizou um exercício de empatia com os alunos, no qual pediu para que formassem duplas para conversar. No exato momento em que ele apitasse, um dos alunos da dupla teria que fazer qualquer outra coisa, parando de prestar atenção no que o colega estivesse dizendo. Ao final do exercício, ele perguntou como os alunos se sentiam sendo ignorados, e todos responderam que não gostaram, classificando a experiência como negativa.

2. Metodologia

O plano de trabalho foi iniciado através de observações e anotações em diário de campo, que segundo Weber (2009):

“É uma técnica que tem por base o exercício da observação direta dos comportamentos culturais de um grupo social, método que se caracteriza por uma investigação singular que teve Bronislaw Malinowski como pioneiro e que perdura na obra de Marcel Maquet, caracterizado pela presença de longa duração de um pesquisador-observador convivendo com a sociedade que ele estuda.”

O trabalho foi realizado durante dois semestres, contendo várias etapas e aprofundamentos nos objetivos e métodos. Inicialmente foi feita uma observação geral do ambiente escolar registrada em diário de campo. Essa observação se estendeu às aulas de EDF e também do After School (AS), um programa de atividades esportivas após o horário normal de aulas. Após meses de observação, uma turma foi selecionada para fazer parte de uma coleta de dados específica do 5º ano, composta por 23 alunos entre 10 e 11 anos. Foram observadas vinte aulas dessa turma e registrado os principais acontecimentos em diário de campo. Após a fase de observações da turma foi realizado um grupo focal, no qual, foi requisitado que 8 alunos, de forma voluntária, participassem da roda de conversa.

Tomada exclusivamente, essa parte da pesquisa se aproxima de um estudo de caso. De acordo com André (2005) o estudo de caso aparece há muitos anos nos livros de metodologia da pesquisa educacional, mas dentro de uma concepção bastante estrita, isto é, o estudo descritivo de uma unidade, seja uma escola, um professor, um aluno ou uma sala de aula.

Dessa forma, selecionamos e concentramos as observações e trabalhos na turma de alunos do 5º ano “C”.

Assim, a metodologia do trabalho partiu de uma abordagem etnográfica para focar o problema da pesquisa, a observação participante para compreender como é o cotidiano da escola e o estudo de caso somado ao grupo focal e entrevista com o professor como instrumentos de coleta de dados mais específicos.

2.1 Objetivos

2.1.1 GERAL

Compreender as atitudes dos estudantes de 5º ano do Ensino Fundamental para construir o jogo ideal⁴ no tempo de autonomia das aulas de Educação Física.

2.1.2 ESPECÍFICOS

Analisar os conceitos de valores, normas e atitudes, de acordo com a literatura adotada sobre o tema relacionando-o ao esporte e a Educação Física Escolar.

Descrever o contexto da escola para compreender os valores e normas aos quais os estudantes estão inseridos.

Analisar as atitudes dos estudantes em situação de tempo de autonomia para compreender como eles tomam decisões sobre o jogar.

Refletir sobre as possibilidades da Educação Física em contribuir com as atitudes positivas dos estudantes no contexto do jogo livre.

2.2 Tipo de pesquisa

⁴ Jogo em que existe envolvimento pleno de todos os participantes.

Esta pesquisa é de natureza exploratória, pois tem como meta levantar dados sobre como os estudantes agem para negociar/mediar com os outros alunos durante as aulas de Educação Física. Foi realizada uma pesquisa empírica de campo, com observação participante (BECKER, 1997) e durante o processo foram construídos diferentes instrumentos para coletar dados de acordo com as reflexões que foram sendo feitas.

2.3 População

Conforme Chan-Vianna (2010) aponta, quando apresenta as reflexões de Becker (1997) sobre como definir população e amostra em pesquisas qualitativas, temos que estas não podem ser marcadas de modo preciso. Como se trata de análise de um grupo social, no contexto ecológico, ou seja, no cotidiano como se apresenta, o número de participantes varia. Entender a totalidade dos estudantes da escola como a população levaria ao erro de generalizar os resultados para situações diferentes. Do mesmo modo, considerar apenas o número de indivíduos diretamente observados ou entrevistados reduziria a estes o resultado encontrado de uma forma de ação na cultura estudada que é compartilhada por todos. Assim, o fenômeno estudado está focando os alunos da Escola dos Valores. No estudo de caso o foco esteve em turma de 5º ano, que continha 22 alunos entre 10 e 11 anos, meninos e meninas. Para a realização do grupo focal, foram solicitados 8 estudantes, que, por livre e espontânea vontade, fizeram parte de uma conversa gravada.

2.4 Instrumentos de Pesquisa

A observação participante e a realização de um grupo focal (GF) foram os instrumentos de coleta de dados utilizados nessa pesquisa, em que o entrevistador lançava perguntas e situações-problemas para que os alunos dissertassem sobre os assuntos. Assim, utilizando o diário de campo para sintetizar a descrição das observações, ajudando no entendimento do comportamento dos alunos e na análise de dados.

A Observação Participante é obtida através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para recolher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de

sua perspectiva e seus pontos de vista (CHIZZOTTI, 1995). A observação descreve os componentes da situação em estudo: os sujeitos, o local, o tempo, as ações, os conflitos e sintonia, as atitudes e os comportamentos diante da realidade. A atitude participante pode se caracterizar pela partilha completa da vida e da atividade dos participantes, identificando e vivenciando suas ações e seus significados. O observador participa de todas as situações, acompanhando o cotidiano, hábitos, circunstâncias e sentido dessas ações com interrogações sobre as razões e sentido dos seus atos.

Morgan (1997) define grupos focais como uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada, também, como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (VEIGA & GONDIM, 2001).

2.5 Análise dos Dados

A análise e interpretação dos dados foram feitas a partir da Teoria Fundamentada (TF), que se inicia com a coleta de dados e finaliza com a redação das análises e a reflexão de todo o processo (CHARMAZ, 2006). A TF leva a construção de uma teoria original baseada nos próprios termos dos sujeitos estudados para explicar e entender ações e fenômenos do contexto social em questão. São acrescentadas através dessa análise novas perspectivas ao fenômeno que não necessariamente foram pensadas pelo pesquisador, mas que vieram a tona pelos sujeitos da pesquisa.

Foi feito um grupo focal com os alunos, e posteriormente, a conversa foi transcrita. Dentre as etapas da TF estão a descrição da ferramenta, a coleta de dados, a codificação e a redação da análise. Dessa forma, foram realizadas as codificações na prática da teoria fundamentada, que classifica os dados de acordo com o que eles indicam, resumindo e representando cada parte deles.

Temos vários tipos de codificação, a inicial (palavra por palavra, linha a linha e incidente por incidente), a focalizada e a axial (CHARMAZ, 2006). A codificação em si fragmenta os dados. Portanto, ela compara, divide, conceitualiza e estabelece relações entre os dados. A etapa de codificação da pesquisa foi iniciada com a codificação inicial linha a linha.

Essa etapa foi a primeira fragmentação dos dados em códigos, realizada com palavras que refletiam a ação do entrevistado. Logo após esse primeiro contato com a codificação, realizamos a codificação focalizada.

A segunda parte da codificação fragmentou ainda mais os dados, deixando-os mais direcionados, seletivos e conceituais. Por último, foi realizada a codificação axial que classificou, sintetizou e organizou os dados, gerando e relacionando categorias e subcategorias de análise.

3. Resultados

Os resultados foram obtidos através da análise dos dados coletados durante toda a pesquisa. Foram obtidos dados através da observação participante, do grupo focal realizado com os alunos, de uma entrevista com o professor e também de conversas informais com alunos e professores registradas em diário de campo. A descrição dos perfis dos alunos está disponível nos anexos desse estudo. Foram utilizados nomes fictícios para preservar a identidade dos indivíduos e da instituição. Após a codificação dos dados obtidos através do grupo focal, foram definidas as seguintes categorias de acordo com temas importantes tratados pelos alunos durante a roda de conversa: gosto pela EDF, divisão de equipes (meninos e meninas e desempenho como subcategorias), direito de todos jogarem e jogo com mais tempo ou jogo com mais qualidade. Os resultados a seguir estão organizados de acordo com essas categorias surgidas no GF. Juntamente com os dados do grupo focal, os outros dados obtidos durante o trabalho, foram comparados e relacionados com intuito de dar um significado aos resultados das análises.

3.1 Gosto pela Educação Física

Na categoria “Gosto pela Educação Física” a resposta foi unânime, todos eles gostam de Educação Física. Interessante notar que apesar de todos concordarem no apreço pela disciplina em questão, alguns motivos apresentados se diferem. Os alunos João e Bruno citam a parte física como algo bastante positivo, ao passo que Pedro e José enfatizam a interação

com os amigos e a diversão. Já a aluna Larissa cita a prática de esportes como algo que desperta seu gosto pela aula.

‘Eu acho bem legal, é uma das matérias que eu mais prefiro, pois eu gosto muito da parte física, essas coisas.’ João

‘A gente pode brincar, se divertir e falar com os outros, na sala de aula não podemos, e é muito legal.’ José

Apesar das falas dos alunos não indicarem diretamente o gosto pelos conteúdos da disciplina, durante as observações de campo ficou notório o apreço dos alunos pelo ambiente da Educação Física, pois eles se mostravam bastante empolgados pela aula. A excitação era tão grande que eles não conseguiam ficar quietos e prestar atenção na chamada, porque queriam jogar e brincar, e acabavam perdendo tempo pela falta de controle.

Quando questionados, no grupo focal, sobre o que mais gostam na aula de Educação Física, 5 dos 8 alunos responderam que gostam de diversões em grupo, interação e brincadeiras com os amigos. Ficou evidente durante a observação das aulas, principalmente quando duas turmas diferentes faziam as atividades em conjunto, visto que, os alunos podiam interagir também com amigos de outras turmas, aumentando a empolgação e a agitação de todos.

‘Eu gosto quando a gente fica em grupos, porque a gente pode fazer amigos, de vez em quando a gente não fala muito com os outros das outras turmas, e eu gosto quando a gente fica junto.’ Larissa

‘Gosto quando a gente fica com os amigos, porque aqui a gente tem a liberdade de conversar, e os professores inventam jogos muito legais.’ Pedro

Quando perguntados, no grupo focal, sobre o que menos gostam nas aulas de Educação Física, 7 dos 8 alunos citaram a perda de tempo com conversas no início das aulas.

‘As pessoas ficam conversando depois do recreio, aí a gente perde aula, aí não faz a chamada e a gente perde tempo.’ Luiz

‘Isso do tempo também, só que também é meio chato porque toda vez que a gente perde tempo e os professores não conseguem fazer a chamada a gente tem que ouvir meia hora de explicação, porque que teve aquilo, e isso é chato.’ José

Em conversa informal com o aluno Gustavo, ele relatou que em todas as aulas a turma chega muito agitada, e então os professores aguardam até que o silêncio se estabeleça para que a chamada seja feita e a aula comece, o que acaba desperdiçando bastante tempo e os deixando frustrados. Ele reconhece o próprio erro na agitação inicial, mas quando questionado sobre o motivo da bagunça e o motivo de não conseguir se comportar, mesmo sabendo que está perdendo uma aula que adora, permaneceu em silêncio.

Dessa forma, é possível perceber que todos gostam bastante da aula de Educação Física, principalmente pela interação com os colegas e pela prática de atividades físicas. Podemos também notar que os alunos concordam que a perda de tempo com conversas excessivas é algo negativo para a aula.

3.2 Divisão de Equipes

Durante a observação participante foi possível perceber que o professor dava a oportunidade de autonomia aos alunos para que eles fizessem a divisão de times, não importando qual atividade estava sendo realizada. O professor relata que escolhe os capitães e dá a possibilidade dos mesmos escolherem 3 ou 4 jogadores. O próprio regente faz a distribuição do restante dos alunos, de forma aleatória, com o intuito de evitar o sentimento de ser escolhido por último. Em algumas aulas foi observado que os alunos escolheram os times de forma totalmente autônoma, sem a interferência do professor. O educador apenas intervia caso notasse que um time estava muito mais forte que o outro, fato esse que aconteceu raras vezes, pois os alunos sempre buscavam montar times equilibrados. Quando falado sobre a forma com que os alunos se comportam durante a divisão dos times, surgiram duas subcategorias – Meninos e meninas e Desempenho.

3.2.1 Meninos e Meninas

Os dados obtidos no grupo focal nos mostram que quando o professor não está no ambiente para intervir, geralmente meninos e meninas se separam. Entretanto, quando há o interesse dos alunos, eles jogam juntos sem qualquer tipo de problema. Essa interação entre os sexos fica evidente quando João e José dizem que meninos e meninas se misturam às vezes, se dividindo entre os times.

‘Sim. Quando a gente escolhe o time algumas meninas vem pro nosso time e algumas pro outro.’ José

‘É! Mistura.’ João

O professor nos relata em entrevista que os alunos da Escola dos Valores estão habituados desde a Educação Infantil em jogar juntos, sempre meninos com meninas. O futebol é citado para ilustrar essa situação, quando o professor diz que meninos e meninas estão mais do que acostumados a praticar esportes reunidos em times mistos.

Os dados obtidos nas observações vão de acordo com a fala do professor. Nota-se que meninos e meninas estão habituados a participar das aulas de forma conjunta, não tendo sido observado nenhum conflito por esse motivo durante todo o processo de coleta de dados. Em apenas uma aula observada as turmas foram divididas entre meninos e meninas, onde a atividade era um jogo de futebol, com os dois grupos revezando entre quadra e campo, metade do tempo pra cada. No restante do tempo observado, a aula foi construída com grupos e times mistos, enfatizando principalmente a cooperação entre os estudantes.

Novamente, citando o exemplo do futebol, a participação feminina existe também no programa After School nessa faixa etária, compondo assim um time misto. Interessante ressaltar que não foi observado nenhum tipo de objeção de meninos ou de meninas em praticar as aulas, tanto de Educação Física quanto no Futebol do After School, com alunos do sexo oposto.

Portanto, podemos notar que os alunos e alunas da Escola dos Valores estão habituados a realizarem atividades juntos. Assim, é percebido que se as meninas quiserem participar das atividades com os meninos elas serão aceitas, e vice-versa, bastando que os estudantes demonstrem interesse em participar.

3.2.2 Desempenho

Em relação ao desempenho, o grupo focal aponta uma influência maior dos alunos que são mais habilidosos nas posições de liderança da turma. O aluno Pedro relatou que geralmente quando o professor não está no ambiente para interferir, os times são escolhidos pelos alunos com mais habilidades esportivas. Ou seja, os mais habilidosos ocupam posições de liderança na turma.

‘Na maioria das vezes, os melhores são os que tiram time. A gente segura a bola pra ir mais rápido.’ Pedro

‘A gente demora, sem brincadeira, uns 5 minutos pra tirar time, porque todo mundo fica brincando com a bola, mas sempre que a gente pode, a gente pega a bola, não deixa ninguém brincar, e escolhe duas pessoas pra tirar time, e a gente faz o mais justo que a gente puder.’ João

Ao analisarmos os dados obtidos nas observações realizadas em uma ‘Queimada Vôlei’ é notório que os alunos com mais habilidades esportivas ocupam posições de liderança na turma. Nesse jogo os alunos poderiam pontuar por cima da rede, com a bola quicando duas vezes no campo adversário, ou por baixo da rede, queimando alguém do time oposto. Num dado momento do jogo, João começou a tomar a frente da estratégia de jogo de seu time, decidindo quem ia ou não para a bola, e onde ela deveria ser jogada para que a equipe pontuasse. Do outro lado, Lucas exerceu o mesmo papel, controlando a forma de jogar de seu time, e distribuindo as bolas, principalmente para os alunos que tinham jogado poucas vezes. Em conversa com o professor, ele definiu a liderança de João como uma liderança mais firme e incisiva, pela qual ele define jogadas e traça a estratégia de seu time. Já a liderança de Lucas foi definida por ele como mais amigável, na qual ele abre mão de jogar para dar a oportunidade aos outros alunos que não tocaram na bola ainda, e tenta guiá-los para a melhor opção de jogada. Dois alunos que participam do programa After School de futebol, extremamente habilidosos e competentes na parte esportiva, tomam decisões e liderando seus times, e sendo respeitados pelos colegas.

Podemos perceber que o desempenho dos alunos influencia nas posições de liderança dentro da turma. Os alunos mais habilidosos são respeitados como líderes, tidos como

referência esportiva para o restante da turma. Dentro desse grupo, se destacam grande parte dos meninos que fazem futebol no programa After School.

Sintetizando as duas categorias temos uma análise importante. Apesar das relações de gênero parecerem não ser suficientes para determinar a participação maior ou menor de cada sexo, o desempenho é determinante para se ocupar a posição de líder e ter mais espaço para jogar efetivamente. Acontece que nas observações realizadas, em geral as meninas não atingem nível de desempenho suficiente para exercer a liderança nos jogos. Nas observações foi nítida a maior recorrência dos líderes dos jogos serem os melhores do futebol. Entretanto, em alguns casos como por exemplo:

“O jogo era uma queimada com quatro times, um em cada quadrante, todos podendo queimar todos. O jogo começou, e inicialmente houve uma pequena dificuldade de entendimento por parte dos alunos. (...) Cheguei a pensar que um dos times estava injusto, pois estava com três meninos que praticam e são bons no futebol. Para minha surpresa, esse foi o time que perdeu mais rápido. Durante a atividade percebi o surgimento de algumas novas lideranças, partindo de alunos que jogam melhor a queimada, meninos e meninas. (...) Esse alunos tomaram a frente e ajudaram mais seus times.” (Diário de campo).

Assim lideranças surgiram de outros estudantes, de acordo com o jogo ou a situação específica de alguma tomada de decisão, sendo inclusive tomadas eventualmente por meninas, como nesse caso.

3.3 Direito de todos jogarem

Os dados nos mostram um sentimento de empatia compartilhado pelos alunos. Foi apresentada à eles a seguinte situação problema:

‘Agora eu vou apresentar pra vocês uma situação hipotética e vocês vão me responder como reagiriam à isso. Vamos supor que o Fulano está ‘de próxima’ em uma partida de futebol e o Beltrano chega para jogar. Beltrano é muito ruim de futebol, pequeno, fraco, não sabe jogar direito, mas ele gosta muito de jogar futebol. Fulano não quer que Beltrano jogue no time dele, ele quer que Beltrano espere do lado de fora pelo próximo jogo e diz que o time dele já está completo. Diante dessa situação, o que vocês fariam? Beltrano tem mesmo que esperar o próximo jogo ou vocês dariam um jeito para ele jogar?’ Entrevistador

Diante dessa situação imaginária, todos os alunos concordaram que a atitude do personagem “Fulano” foi extremamente negativa e não amigável. O aluno Bruno exemplificou um fato que acontece em sua turma, onde ele diz:

‘Eu iria colocar ele no time melhor, mas tem vezes também que o time melhor não aceita ele, aí tem essa confusão. Aqui, geralmente a gente aceita ele no time. Tem até um amigo na nossa sala, o Henrique, que ele nunca joga bola com a gente, ele é até um pouco evoluído, e a gente fica sempre incentivando ele pra jogar junto, de vez em quando ele aparece lá no meio do jogo e aí o pessoal da sala dele (Eu, João e Luiz) deixa ele entrar no time.’
Bruno

Os alunos João, Bruno, José e Pedro dizem que colocariam o menino no melhor time, pois um time mais forte poderia ajudá-lo a jogar e seria mais justo.

‘Eu não achei muito amigável, porque ele seria ruim mas ele pode melhorar treinando. Eu colocaria ele num time mais forte, pois ele não é tão bom e um time mais forte poderia ajudar ele.’ João

‘Eu não acho muito legal a atitude do cara que não deixa ele jogar, porque ele também tem direito, ele também é ser humano e tem seu direito. Eu, sinceramente, colocaria ele no melhor time, pois ficaria mais justo. Todo mundo tá ali pra aprender, ninguém é perfeito.’ Pedro

‘Eu acho que não foi muito amigável, porque todo mundo tem o direito de jogar. Se o professor te chamou é porque você tem que jogar, e mesmo você sendo ruim, é uma diversão, você tem que se divertir, é um lazer pra você, então você não pode ficar de fora. Se tivesse um jeito de colocar ele em um melhor time, seria melhor.’ José

Em relação as respostas dos alunos, o professor nos diz que os alunos dessa turma são bastante solidários e demonstram empatia. Ele relata que quando existe a necessidade, os professores pausam o jogo e perguntam quem ainda não tocou na bola, e diz que geralmente a maioria das meninas levanta as mãos. Feito isso, eles pedem sugestões ao grupo para que o jogo se torne mais justo, dando a oportunidade de todos participarem. As decisões são tomadas pelo grupo, e em geral são bastante positivas.

Por fim, podemos notar que a questão do direito de todos jogarem é algo importante para os alunos. Todos eles enfatizam que ninguém pode ser excluído das atividades e caracterizam a atitude do personagem “Fulano” como negativa. A mediação do professor se dá no sentido de mostrar aos alunos o que está acontecendo de errado e fazer com que eles reflitam para buscar uma solução.

As observações de campo confirmam na prática o que é dito por todos. Não foi observado qualquer tipo de exclusão durante as aulas. Alguns alunos participam menos que os outros por questões ligadas ao desempenho, mas todo jogam. Dessa forma parece que o valor de inclusão está socializado no discurso dos atores sociais e efetivo nas práticas escolares do esporte. Mesmo considerando que até no tempo do recreio existe algum responsável “tomando conta” para que ninguém fique fora dos jogos, não foram observadas de forma recorrente situações em que esses responsáveis precisaram intervir.

3.4 Jogo com mais tempo ou mais qualidade

Nessa categoria de análise os dados do grupo focal mostram que os alunos ficaram divididos. Foi apresentada uma situação problema, e ao final o entrevistador questionou se eles prefeririam jogar um jogo com mais tempo ou com mais qualidade. Os alunos Larissa, João e Pedro preferem jogar um jogo com mais qualidade, já o restante do grupo acha melhor jogar mais tempo.

‘Um jogo com mais qualidade pra mim seria muito melhor, seria mais corrido, muito mais legal, mais disputado. Se eu fosse para a outra quadra eu ficaria mais cansado e não jogaria direito o jogo principal.’ João

‘Eu prefiro jogar mais tempo, porque o futebol não é um jogo profissional que você tem que jogar bem, é uma diversão. Eu prefiro jogar mais tempo.’ Luiz

O aluno Bruno relata que escolheria as duas opções e explica o motivo:

‘Em minha opinião eu ia meio que escolher as duas opções, se fosse pra jogar uma pelada com os amigos eu iria preferir mais tempo, porque aí você tem mais diversão. Aqui na Educação Física eu iria preferir mais tempo porque tem mais tempo pra brincar com os amigos. Mas se fosse um campeonato é muito melhor você ter pouco tempo, jogar com raça e ganhar do que você perder o campeonato tendo um jogo de mais tempo.’ Bruno

Os dados da observação nos mostram que os dois tipos de situação ocorrem durante a aula de Educação Física. Quando é o caso de acontecer um jogo que tenha alunos esperando do lado de fora, existem aqueles alunos que participam de outras atividades propostas pelo professor e aqueles que preferem descansar e esperar pelo jogo principal. Fazendo referência às aulas de futebol do After School, percebemos uma disposição parecida. Enquanto alguns alunos realizam outras atividades (treino de passe e controle de bola, embaixadinhas), outros apenas tomam água, descansam e aguardam pela sua vez de jogar.

Então, podemos concluir, que os dados nos revelam opiniões e atitudes divergentes nessa categoria de análise. Existem alunos que preferem jogar mais tempo, pois a diversão é o mais importante. Existem também alunos que preferem jogar um jogo com mais qualidade, pois se sentem mais motivados pelas situações de jogo mais desafiadoras.

4. Discussão dos Dados

Os dados analisados podem ser comparados com os estudos de referência deste trabalho. O estudo realizado por Cortes & Oliva (2016) buscou compreender as atitudes e valores gerados pela aula de Educação Física em estudantes do Ensino Médio. Parte dos resultados do referido trabalho nos mostra que a aula de EDF produz um estado de bem estar, aliado a uma sensação de gratificação intrínseca, levando consigo uma motivação e gratificação interna que permite aos alunos um momento de esparecimento dentro da instituição de ensino.

Baseado nesse estudo, nota-se que é desse sentimento que os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola dos Valores compartilham em relação às aulas de EDF. Notamos claramente esse envolvimento, quando todos eles, durante o grupo focal, dizem que gostam das aulas. No período das observações foi possível perceber a empolgação dos estudantes ao chegar à quadra, ansiosos pelo jogo, enfatizando o sentimento de motivação. Também notamos esse quesito, quando a maioria diz que o que mais gosta nas aulas é da diversão e interação em grupo, mostrando o quão gratificante é para eles brincarem com os colegas. Podemos então, perceber que nas duas situações, a Educação Física é vista como algo

bastante agradável. A fala do aluno José nos remete ao esparecimento trazido no artigo espanhol:

‘A gente pode brincar, se divertir e falar com os outros, na sala de aula não podemos, e é muito legal.’ José

O artigo americano de Jimerson (1999) se passa em um ginásio de uma universidade nos Estados Unidos, no qual, pessoas de meia idade se encontram para jogar uma *pelada* de basquete. O conflito do referido estudo gira em torno de Carla, a única mulher presente no ambiente. A norma estabelecida pelo grupo é de quem chegar primeiro, joga primeiro. Sherlock é o capitão do próximo jogo, e seu time está formado sem a presença de Carla, enquanto ela argumenta que deveria jogar pois estava presente na quadra antes de outros jogadores do time chegarem. O autor nos diz que, embora o gênero e a estatura de Carla pudessem ser a razão pela qual os jogadores não queriam sua presença no time, o problema contestado era o tempo de jogo, não a escolha.

Sobre a divisão de time, é interessante notar a estratégia utilizada pelo professor para que os alunos não se sintam excluídos. Ele dá aos capitães a oportunidade de escolher de 3 a 4 jogadores, e depois o próprio professor distribui o restante do alunos de forma aleatória, evitando o sentimento ruim de ser escolhido por último. Os dados encontrados revelam que meninos e meninas do 5º ano do Ensino Fundamental estão acostumados a participarem das atividades juntos, tanto nas aulas de Educação Física e também no programa After School, desde a Educação Infantil. Os dados nos mostram que quando o professor não intervém, o interesse dos alunos é determinante. Se uma menina demonstrar interesse em participar de uma atividade com os meninos, por exemplo, ela será aceita e vice-versa.

Outro fator importante analisado na divisão dos times foi o desempenho, pois foi possível perceber que os alunos mais habilidosos exercem posições de liderança dentro da turma e são bastante respeitados pelos demais. Em sua maioria, esse alunos são os meninos que fazem parte da turma de futebol do programa After School. O aluno Pedro disse, no GF, que são os alunos mais habilidosos que geralmente dividem os times quando o professor não interfere. Essa reflexão se torna importante para a categoria subsequente, que trata do direito de todos jogarem.

Cortes & Oliva (2016) afirmam que os conteúdos atitudinais que surgem nos estudantes com mais frequência na classe de Educação Física são cooperação e companheirismo. Esse tipo de sentimento fica em evidência também em nosso estudo quando o aluno Bruno diz:

Tem até um amigo na nossa sala, o Henrique, que ele nunca joga bola com a gente, ele é até um pouco evoluído, e a gente fica sempre incentivando ele pra jogar junto, de vez em quando ele aparece lá no meio do jogo aí o pessoal da sala dele (Eu, Rodrigo e Bernardo) deixa ele entrar no time.’ Gabriel

Em Jimerson (1999) o conflito gerado só foi resolvido quando Terry saiu do time de Sherlock para que Carla pudesse jogar. Ela foi capaz de exercer seu direito de jogar pois utilizou normas existentes para pressionar os outros jogadores. Em relação ao direito de todos jogarem, os alunos demonstraram um sentimento de empatia. Diante da situação problema apresentada no GF, todos consideraram negativa a atitude de excluir o aluno da atividade apenas pelo fato de ele não ser habilidoso. Todos os alunos presentes no GF enfatizaram que ninguém pode ser excluído das atividades, todos tem o direito de jogar. A mediação do professor entra no sentido de mostrar aos alunos o que está acontecendo de errado nas aulas, e proporcionar à eles um momento de reflexão para que aquilo seja solucionado. Como exemplo disso, podemos citar a declaração do próprio professor, que diz que em dados momentos das aulas, ele para o jogo e pergunta quem ainda não tocou na bola. Ele diz que geralmente a maioria das meninas levanta a mão, com isso ele questiona à turma o que deve ser feito para resolver o problema. Podemos notar na reflexão a importância que os alunos dão ao direito que os colegas tem de se divertir, o que nos leva à última categoria, que trata da relação entre tempo de jogo e jogo com qualidade.

Outra discussão interessante que podemos encontrar em Jimerson (1999) trata da relação entre tempo de jogo e qualidade de jogo. O autor afirma que para maximizar o tempo de jogo, os jogadores precisam jogar com oponentes inferiores os quais eles derrotarão com facilidade, o que acaba minimizando a qualidade de jogo. Já para maximizar a qualidade de jogo, os jogadores devem jogar com outros do mesmo nível, contra os quais eles tem a mesma chance de ganhar ou perder, arriscando então reduzir o tempo de jogo. Para Sherlock e seu

time seletivo, a qualidade de jogo é mais importante. Para Carla e Silas, dois jogadores com poucas habilidades, o tempo de jogo é mais importante.

Essa divisão também é perceptível nos dados obtidos na Escola dos Valores. No grupo focal 3 alunos disseram que a qualidade do jogo é mais desejável, pois torna o jogo mais competitivo e os deixa mais motivado. Os outros 5 estudantes enfatizaram a diversão para justificar a preferência em jogar mais tempo. As observações comprovam essa análise, tanto das aulas de EDF quanto das aulas de futebol no After School. Existe um grupo de alunos que apenas espera e descansa para jogar o próximo jogo, e existe o grupo de alunos que pratica outras atividades enquanto aguarda, pois prefere se divertir do que apenas aguardar. Assim, os dados nos mostram que a turma é composta por alunos mais competitivos e por alunos que preferem a diversão.

5. Considerações Finais

Dentre as reflexões alcançadas e os questionamentos que surgiram durante a realização dessa pesquisa, pode-se concluir que as atitudes dos alunos, em seu tempo de autonomia durante as aulas de Educação Física, são influenciadas pelo projeto político pedagógico da escola através da figura do professor. O educador busca cumprir com seus objetivos e com os objetivos da instituição, por isso ele acredita que a mediação e a presença do regente em todos os momentos é essencial no processo de educação. Quando tomam suas decisões, os alunos têm consciência de que se algo não funcionar o professor estará lá para observar e intervir.

É possível encontrar valores defendidos pela instituição inseridos nas atitudes dos alunos. Companheirismo, cooperação, trabalho em equipe e solidariedade são alguns dos conceitos que podemos citar e evidenciar através dos dados obtidos. O que se faz necessário observar é que o professor regente está presente em todos os momentos para mediar os conflitos e situações durante a aula, podendo esse fato interferir nas atitudes tomadas pelos alunos.

Em relação ao tempo de autonomia, foi possível notar que os alunos organizam seus jogos de maneira a respeitar as normas estabelecidas pelo professor, sem maiores conflitos. Já no tempo efetivo de jogo foi percebido que em alguns momentos algumas dessas normas são

deixadas de lado. A competição e a vontade de vencer faz com que em determinadas situações os alunos mais habilidosos passem menos a bola ou contem menos com a ajuda dos menos habilidosos, fazendo necessária a intervenção do professor para lembrá-los de que todos precisam participar ativamente do jogo. Quando isso aconteceu, percebemos que os menos habilidosos preferiram não se opor às lideranças, e em poucos casos alguns relataram ao professor o que estava acontecendo. Percebemos também durante o tempo de jogo uma ocasional mudança de liderança, que ocorreu em atividades onde os meninos do futebol não apresentavam o melhor desempenho. O exemplo citado foi de um jogo de queimada, onde o time em que estavam alguns meninos do futebol foi o primeiro a ser eliminado. Nessa situação, outros atores sociais tomaram as posições de liderança, ganhando a confiança dos colegas pelo desempenho apresentado, inclusive meninas. Nesse sentido, a atmosfera do jogo é assunto pertinente a ser investigado, por isso torna-se necessária a realização de trabalhos que abordem, de forma mais específica, as atitudes dos alunos nesse ambiente.

É fundamental ressaltar a importância do tempo livre no ambiente escolar para o desenvolvimento da autonomia. Esse desenvolvimento pode acontecer de forma gradativa, desde a aula com intervenção do professor, passando pela hora do recreio dos alunos onde existem pessoas monitorando as atividades, até a criação de um espaço onde a escola proporcione ao aluno a possibilidade de exercer sua autonomia no mais pleno significado da palavra. Partindo dessa ideia, podem ser criados mecanismos de avaliação do projeto político pedagógico da instituição, para saber se os valores defendidos pela escola estão realmente sendo absorvidos pelos estudantes.

Faz-se necessária a realização de uma pesquisa mais aprofundada para saber se existe uma evolução gradativa de autonomia desses alunos de acordo com a passagem dos anos, e se a instituição realmente consegue levar esses valores que transmite para a vida cotidiana de seus estudantes. A educação pautada em valores mostrou-se algo extremamente importante, e se faz essencial em qualquer processo educativo. Esse modelo pode ser seguido principalmente no ensino público a fim de preencher lacunas presentes em nossa sociedade, atualmente assolada por violência e desigualdade.

Os professores cumprem um papel muito significativo na educação ao passarem valores humanos e sociais aos alunos, principalmente nos dias atuais, pois as crianças passam cada vez menos tempo com os pais e mais tempo na escola. Porém, são poucos os professores que realmente praticam a Educação em Valores. Para que o professor construa autonomia nos estudantes em decidir quais as melhores atitudes a serem tomadas é necessário praticar os

valores morais no dia-a-dia e não apenas dizer às crianças e aos adolescentes o que deve ser feito. Por fim, torna-se necessária a realização de futuros estudos sobre o tema, que é pertinente, contemporâneo e bastante relevante para o crescimento e o desenvolvimento do processo educacional, não só no âmbito da Educação Física, mas em todo ele.

Referências Bibliográficas

- ANDRÉ, Marli. **Etnografia da Prática Escolar**. Brasil: Papyrus, 2005.
- BECKER, H. S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- CHAN-VIANNA. **Meninas que jogam bola: identidades e projetos das praticantes de esportes coletivos de confronto no lazer**. 2010. Tese (Doutorado em Educação Física) Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
- CHARMAZ, K. **Constructing grounded theory: a practical guide through qualitative analysis**. London: Sage Publications, 2006.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.
- CORTES, D. F. G.; OLIVA, F. J. C. **Desarrollo de Valores y Actitudes a través de la clase de educación física**. In: Movimento Revista da Escola de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 251-252, jan./mar. de 2016.
- JIMERSON, Jason B. **"Who has next?" The Symbolic, Rational, and Methodical Use of Norms in Pickup Basketball**. Bloomngton: American Sociological Association, 1999.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O (velho e bom) caderno de campo**. Disponível em: <http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/o%20velho%20e%20bom%20caderno_de_campo.pdf> Acesso em: 29 nov. 2015.
- MORGAN, D. L. **Focus group as qualitative research**. Qualitative Research Methods Series. London: Sage Publications, 1997. v. 16.
- OLIVEIRA, R. B. L. **A oferta terceirizada de esporte em escola privada de Educação Básica**. 2015. Monografia (Graduação em Educação Física) Universidade de Brasília, Brasília.
- VEIGA, L.; GONDIM, S. M. G. **A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político**. Campinas: Opinião Pública, 2001. v. VII, n. 1, p. 1-15.
- WEBER, Florence. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo?** Porto Alegre: Horizonte Antropológico, 2009. v. 15, n. 32, p. 157-170.

ANEXOS

ANEXO I:

TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL

ENTREVISTADOR: ‘O que vocês acham das aulas de Educação Física?’

JOÃO: ‘Eu acho bem legal, é uma das matérias que eu mais prefiro, pois eu gosto muito da parte física, essas coisas.’

PEDRO: ‘Eu gosto muito da aula de Educação Física, pois é algo diferente que a gente pode ficar com os amigos, fazer esportes e ao mesmo tempo se divertir’

JOSÉ: ‘A gente pode brincar, se divertir e falar com os outros, na sala de aula não podemos, e é muito legal’

BRUNO: ‘É bem massa, e também não é só uma aula pra se divertir, também tem seus objetivos, que é você treinar seus músculos, essas coisas.’

LARISSA: ‘Eu acho muito legal, pois a gente pode fazer algum esporte, e também porque a gente não precisa escrever nada.’

ENTREVISTADOR: ‘O que vocês mais gostam na aula de Educação Física?’

JOSÉ: ‘As diversões em grupo, a gente se diverte e conversa enquanto joga, e as brincadeiras, porque eles inventam umas brincadeiras bem legais.’

BRUNO: ‘Futebol, quando tem.’

PEDRO: ‘Quando a gente fica com os amigos, porque aqui a gente tem a liberdade de conversar, e os professores inventam jogos muito legais.’

JOÃO: ‘Eu gosto sempre quando tem futebol, que é meu esporte favorito, e eu gosto porque a gente pode se enturmar e brincar mais com os amigos.’

LUIZ: ‘O que eu mais gosto é brincar com os amigos, eu prefiro me divertir brincando do que ficar escrevendo.’

BIA: ‘Jogos em grupos.’

LARISSA: ‘Eu gosto quando a gente fica em grupos, porque a gente pode fazer amigos, de vez em quando a gente não fala muito com os outros das outras turmas, e eu gosto quando a gente fica junto.’

CARLA: ‘Futebol.’

ENTREVISTADOR: ‘E o mais chato de tudo? O que é o mais chato da aula de Educação Física?’

LUIZ: ‘As pessoas ficam conversando depois do recreio, aí a gente perde aula, aí não faz a chamada e a gente perde tempo.’

JOSÉ: ‘Isso também, a tia demora a fazer a chamada e a gente perde tempo de aula, e também é chato quando você não faz alguma coisa de errado e a professora pensa que é você e te dá uma bronca.’

BRUNO: ‘Isso do tempo também, só que também é meio chato porque toda vez que a gente perde tempo e os professores não conseguem fazer a chamada a gente tem que ouvir meia hora de explicação, porque que teve aquilo, e isso é chato.’

PEDRO: ‘Mesma coisa do Bruno.’

JOÃO: ‘Do tempo, que a gente fica conversando, e do tempo que a gente gasta também com as explicações dos jogos mais longos, tipo basquete que algumas pessoas não sabem e tem que ficar explicando..’

ENTREVISTADOR: ‘Eu percebi que vocês ficaram bastante inquietos no dia do Kickball.’

JOÃO: ‘É verdade, tinha que explicar muita coisa... não é legal porque aí a gente joga só uns 10 minutinhos... mas o lado bom é que na outra aula a gente joga a aula toda.’

BIA: ‘Mesma coisa que todo mundo falou.’

LARISSA: ‘É a mesma coisa de todo mundo, mas também às vezes, que não entende ou não presta atenção na explicação fica fazendo pergunta, e aí a gente perde muito tempo com isso.’

ENTREVISTADOR: ‘E você, quer falar alguma coisa, Carol? Não? Ok.’

ENTREVISTADOR: ‘Agora vou fazer uma pergunta mais complexa... Como vocês fazem para organizar o jogo sem o professor lá pra interferir?’

JOSÉ: ‘É que a gente chega, e pra não demorar muito, um que tá com a bola segura a bola, aí os outros vão tirando o time organizadamente. Aí depois quando acaba de tirar time a gente vai cada um pro seu lado, bota a bola e começa o jogo.’

PEDRO: ‘Na maioria das vezes, os melhores são os que tiram time. A gente segura a bola pra ir mais rápido.’

JOÃO: ‘A gente demora, sem brincadeira, uns 5 minutos pra tirar time, porque todo mundo fica brincando com a bola, mas sempre que a gente pode, a gente pega a bola, não deixa ninguém brincar, e escolhe duas pessoas pra tirar time, e a gente faz o mais justo que a gente puder.’

ENTREVISTADOR: ‘E as meninas, jogam também?’

TODOS: ‘Não’

ENTREVISTADOR: ‘Mas aí, o que as meninas fazem? Como vocês organizam o jogo de vocês?’

LARISSA: ‘A gente pensa e discute, cada um dá uma ideia, e aí a gente bola um jogo com essas ideias.’

ENTREVISTADOR: ‘Então quando o professor define que meninos e meninas terão que jogar junto, vocês respeitam a regra, mas quando ele não decide nada os meninos vão pra um lado e as meninas vão para o outro. É isso?’

JOÃO E JOSÉ (AO MESMO TEMPO): ‘Às vezes...’

ENTREVISTADOR: ‘Algumas meninas jogam com vocês né?’

JOSÉ: ‘Sim. Quando a gente escolhe o time algumas meninas “vem” pro nosso time e algumas pro outro...’

JOÃO: ‘É! Mistura.’

BRUNO: ‘Geralmente, a gente chega no campo, aí começa aquela brincadeira, aquela bagunça de todo mundo, aí chega uma hora que algumas pessoas pegam a bola, para, chamam duas pessoas pra tirar time, aí a gente demora uns 10 minutos pra começar. Só que isso é na hora do almoço, quando é na Educação Física a gente já vai pro campo, a gente já senta logo ali, dois tiram time, os dois entram e depois tiram par ou ímpar pra quem começa com a bola e é isso.’

ENTREVISTADOR: ‘Agora eu vou apresentar pra vocês uma situação hipotética e vocês vão me responder como reagiriam à isso. Vamos supor que o Diego está ‘de próxima’ em uma partida de futebol e eu chego para jogar. Eu sou muito ruim de futebol, pequeno, fraco, não sei jogar direito, mas eu gosto muito de jogar futebol. Diego não quer que eu jogue no time dele, ele quer que eu espere do lado de fora pelo próximo jogo e me diz que o time dele já está completo. Diante dessa situação, o que vocês fariam? Eu tenho mesmo que esperar o próximo jogo ou vocês dariam um jeito de eu jogar?’

JOÃO: ‘Eu não achei muito amigável, porque ele seria ruim mas ele pode melhorar treinando. Eu colocaria ele num time mais forte, pois ele não é tão bom e um time mais forte poderia ajudar ele.’

LARISSA: ‘Eu acho que não foi uma atitude amigável, e também você não pode julgar ele só porque ele é ruim, claro que ele não vai jogar tão bem, ninguém é um jogador profissional, mas você não pode julgar ele por isso porque ele também tem o direito de jogar.’

BRUNO: ‘Eu iria colocar ele no time melhor, mas tem vezes também que o time melhor não aceita ele, aí tem essa confusão. Aqui, geralmente a gente aceita ele no time. Tem até um amigo na nossa sala, o Henrique, que ele nunca joga bola com a gente, ele é até um pouco evoluído, e a gente fica sempre incentivando ele pra jogar junto, de vez em quando ele aparece lá no meio do jogo e as pessoas não querem deixar ele jogar, mas aí o pessoal da sala dele (Eu, Rodrigo e Bernardo) deixa ele entrar no time.’

JOSÉ: ‘Eu acho que não foi muito amigável, porque todo mundo tem o direito de jogar. Se o professor te chamou é porque você tem que jogar, e mesmo você sendo ruim, é uma diversão, você tem que se divertir, é um lazer pra você, então você não pode ficar de fora. Se tivesse um jeito de colocar ele em um melhor time, seria melhor.’

LUIZ: ‘Eu acho que não é tão legal você falar que um é ruim e o outro é melhor, todo mundo é igual. Se ele quiser jogar ele pode jogar o que ele quiser, no começo todo mundo era assim.’

PEDRO: ‘Eu não acho muito legal a atitude do cara que não deixa ele jogar, porque ele também tem direito, ele também é ser humano e tem seu direito. Eu, sinceramente, colocaria ele no melhor time, pois ficaria mais justo. Todo mundo tá ali pra aprender, ninguém é perfeito.’

ENTREVISTADOR: ‘Carol, você deixaria eu jogar? Liz, você deixaria eu jogar?’

CARLA: ‘Sim.’

BIA: ‘Sim.’

ENTREVISTADOR: ‘...Vocês preferem jogar mais tempo, ou jogar um jogo com mais qualidade mas com menos tempo?’

LARISSA: ‘Jogar um jogo com mais qualidade e que demore menos tempo, eu acho melhor.’

JOÃO: ‘Um jogo com mais qualidade pra mim seria muito melhor, seria mais corrido, muito mais legal, mais disputado... Se eu fosse para a outra quadra eu ficaria mais cansado e não jogaria direito o jogo principal.’

PEDRO: ‘Eu preferiria jogar um jogo disputado, um jogo que você não esteja cansado. É sempre bom jogar um jogo que você esteja com muita vontade de jogar, animado..’

LUIZ: ‘Eu prefiro jogar mais tempo, porque o futebol não é um jogo profissional que você tem que jogar bem, é uma diversão. Eu prefiro jogar mais tempo.’

JOSÉ: ‘Eu prefiro jogar mais tempo, porque você tem mais tempo pra jogar o futebol, que é uma diversão que você adora. Você tem até mais chance de fazer gol por jogar mais tempo, seria mais divertido. Eu ia gostar mais.’

ENTREVISTADOR: ‘Interessante que temos duas opiniões diferentes até agora, pensando na situação anterior, se o menino que não sabe jogar bem jogasse um jogo de mais qualidade e o time dele perdesse, ele jogaria pouco tempo e não iria se divertir tanto...’

BRUNO: ‘Na minha opinião eu ia meio que escolher as duas opções, se fosse pra jogar uma pelada com os amigos eu iria preferir mais tempo, porque aí você tem mais diversão. Aqui na Educação Física eu iria preferir mais tempo porque tem mais tempo pra brincar com os amigos. Mas se fosse um campeonato é muito melhor você ter pouco tempo, jogar com raça e ganhar do que você perder o campeonato tendo um jogo de mais tempo.’

ENTREVISTADOR: Carol e Liz, vocês preferem mais tempo ou mais qualidade?’

CARLA: ‘Mais tempo.’

BIA: ‘Mais tempo.’

ANEXO II:

EXEMPLO DE CODIFICAÇÃO DOS DADOS

<p>João, Larissa, José, Luiz e Pedro consideram negativa a atitude de Diego, que não quer que o menino jogue no time dele, pois é ruim de futebol.</p> <p>Pedro, José e Larissa dizem que o menino tem o direito de jogar, e esse direito deve ser respeitado.</p> <p>João, Bruno, José e Pedro dizem que colocariam o menino no melhor time, pois um time mais forte poderia ajudá-lo a jogar e seria mais justo.</p> <p>Bruno exemplifica, contando a história de um colega de turma que não joga muito bem, mas que eles sempre tentam incentivar, inclusive colocando-o em seu time.</p> <p>José cita que se trata de uma diversão, um lazer, por isso o menino não pode ficar de fora.</p> <p>Bia e Carla apenas respondem ‘Sim’ quando</p>	<p>ENTREVISTADOR: ‘Agora eu vou apresentar pra vocês uma situação hipotética e vocês vão me responder como reagiriam a isso. Vamos supor que o Diego está ‘de próxima’ em uma partida de futebol e eu chego para jogar. Eu sou muito ruim de futebol, pequeno, fraco, não sei jogar direito, mas eu gosto muito de jogar futebol. Diego não quer que eu jogue no time dele, ele quer que eu espere do lado de fora pelo próximo jogo e me diz que o time dele já está completo. Diante dessa situação, o que vocês fariam? Eu tenho mesmo que esperar o próximo jogo ou vocês dariam um jeito de eu jogar?’</p> <p>JOÃO: ‘Eu não achei muito amigável, porque ele seria ruim mas ele pode melhorar treinando. Eu colocaria ele num time mais forte, pois ele não é tão bom e um time mais forte poderia ajudar ele.’</p> <p>LARISSA: ‘Eu acho que não foi uma atitude amigável, e também você não pode julgar ele só porque ele é ruim, claro que ele não vai jogar tão bem, ninguém é um jogador profissional, mas você não pode julgar ele por isso porque ele também tem o direito de jogar.’</p> <p>BRUNO: ‘Eu iria colocar ele no time melhor, mas tem vezes também que o time melhor não aceita ele, aí tem essa confusão. Aqui, geralmente a gente aceita ele no time. Tem até um amigo na nossa sala, o Henrique, que ele nunca joga bola com a gente, ele é até um pouco evoluído, e a gente fica sempre incentivando ele pra jogar junto, de vez em quando ele aparece lá no meio do jogo e as pessoas não querem deixar ele jogar, mas aí o pessoal da sala dele (Eu, Rodrigo e Bernardo) deixa ele entrar no time.’</p>
--	---

o entrevistador as questiona se elas deixariam o menino jogar.

JOSÉ: ‘Eu acho que não foi muito amigável, porque todo mundo tem o direito de jogar. Se o professor te chamou é porque você tem que jogar, e mesmo você sendo ruim, é uma diversão, você tem que se divertir, é um lazer pra você, então você não pode ficar de fora. Se tivesse um jeito de colocar ele em um melhor time, seria melhor.’

ANEXO III

QUADRO DESCRITIVO DOS ALUNOS DO GRUPO FOCAL

NOME	PERFIL
JOÃO	UMA DAS LIDERANÇAS DA TURMA EM QUESTÃO DE DESEMPENHO, PRÁTICA FUTEBOL NO AFTER SCHOOL E TEM O RESPEITO DOS COLEGAS POIS É UM DOS MELHORES NO REFERIDO ESPORTE. BASTANTE PARTICIPATIVO E COMUNICATIVO.
BRUNO	FAZ PARTE DO GRUPO DOS MENINOS QUE FAZEM FUTEBOL NO AFTER SCHOOL, MAS NÃO É TÃO HABILIDOSO NEM FAVORECIDO FISICAMENTE. TALVEZ POR ISSO NÃO EXERÇA PAPEL DE LIDERANÇA, MAS MESMO ASSIM É BASTANTE PARTICIPATIVO E COMUNICATIVO.
PEDRO	NÃO PRÁTICA FUTEBOL NO AFTER SCHOOL, MAS É BEM SUCEDIDO NOS ESPORTES QUE PRÁTICA. TEM BOM PORTE FÍSICO E BOAS HABILIDADES. FAZ PARTE DO GRUPO DE MENINOS INFLUENTES NA TURMA, MAS NÃO EXERCE LIDERANÇA. TAMBÉM É BASTANTE PARTICIPATIVO E COMUNICATIVO.
JOSÉ	FAZ PARTE DOS PRATICANTES DE FUTEBOL, BASTANTE PARTICIPATIVO E COMUNICATIVO, ALÉM DE HABILIDOSO. NÃO É VISTO COMO UM DOS LÍDERES DA TURMA.
LUIZ	FAZ PARTE DOS ALUNOS QUE PRATICAM FUTEBOL NO AFTER SCHOOL. BASTANTE HABILIDOSO E RESPEITADO PELA TURMA COMO UM DOS LÍDERES, MAS PREFERE NÃO EXERCER PAPEL DE LIDERANÇA. PREFERE APENAS SE DIVERTIR COM OS COLEGAS.
CARLA	PRATICAMENTE NÃO FALOU NO GRUPO FOCAL, TÍMIDA. DURANTE AS AULAS MOSTRA GOSTO PELA PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS, MAS SE SENTE CONFORTÁVEL PERMANECENDO PRÓXIMA AO SEU GRUPO DE AMIGAS.

BIA	TAMBÉM NÃO DEMONSTROU VONTADE DE FALAR DURANTE O GRUPO FOCAL, APESAR DE SER BEM ATUANTE DURANTE AS AULAS, CONVERSANDO BASTANTE. NÃO EXERCE PAPEL DE LIDERANÇA FEMININA NA TURMA, MAS É BASTANTE PARTICIPATIVA.
LARISSA	BASTANTE PARTICIPATIVA E COMUNICATIVA. APESAR DE NÃO SER TÃO HABILIDOSA, ADORA ESPORTES E É UMA DAS LÍDERES FEMININAS NA TURMA. FALA, ARGUMENTA, DISCUTE E NÃO SE INIBE NA HORA DE TENTAR REALIZAR OS DESAFIOS DAS AULAS.